

V ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA
DE 23 A 25 DE JULHO DE 2017

UnB – BRASÍLIA - DF

GT3. CULTURAS JUVENIS NA ESCOLA

OS SENTIDOS DO SABER SOCIOLÓGICO A PARTIR DA NARRATIVA
DOS/AS JOVENS ESTUDANTES

MERABE SANTOS SILVA - UESB
NUBIA REGINA MOREIRA - UESB

OS SENTIDOS DO SABER SOCIOLÓGICO A PARTIR DA NARRATIVA DOS/AS JOVENS ESTUDANTES

Merabe Santos Silva ¹
Nubia Regina Moreira. ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar os sentidos do saber sociológico pelos/ as Jovens estudantes do ensino médio. Entendo que por meio da ressignificação do saber sociológico os/as jovens criam novos horizontes e significados na sua relação com o mundo, com o outro e consigo. Utilizamos como categoria de análise o sentido do saber sociológico na perspectiva interacionista simbólica. A partir de observação e monitoria compartilhada realizadas com estudantes do 2º e 3º anos do ensino médio da escola estadual a qual estamos estagiando, procuramos compreender a relação que os jovens estudantes tinham com o saber sociológico a partir do tema “preconceito, discriminação e segregação e a manutenção das desigualdades sociais”. Na realização dessas atividades percebemos que os/as jovens se posicionavam de acordo com os sentidos que aquele saber significava na sua vivência como jovem e do engajamento com seus pares. Percebemos maior participação dos/as jovens negros/as que aproveitavam o espaço de debate para relatar histórias dos preconceitos sofridos no cotidiano, assim como reafirmar suas pertencas e direitos históricos negados. Nosso trabalho confirma que a relação com o saber sociológico não é uniforme, pois a escola é um espaço de diversidades, e que esses sentidos estão mobilizando novos argumentos sobre as dificuldades sofridas por eles a partir do desvelamento dos impactos negativos produzidos pelos efeitos da discriminação racial em suas vidas.

Palavras-chaves: Jovens estudantes. Saber Sociológico. Sentidos.

¹ Licencianda em Ciências sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Participa do grupo de estudos e pesquisa em práticas educativas (GEPPE) Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: silvamerabe@gmail.com

² Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (2013). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Educativas - GEPPE (UESB). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail nrmoreira2@gmail.com

Introdução

Esse trabalho é fruto de uma experiência da nossa atuação em uma escola Estadual de Vitória da Conquista- BA durante três meses do ano letivo de 2016. Nesse período realizamos observações e monitoria compartilhada ³nas turmas de 2º e 3º ano que totalizam um número de sete turmas contempladas com essa atividade. A temática desenvolvida por nós foi “Preconceito, discriminação e segregação e a manutenção das desigualdades sociais”, utilizando as obras “Casa Grande Senzala”, Gilberto Freyre, e “O negro no mundo dos brancos”, Florestan Fernandes como subsídios teóricos para o aprofundamento da questão racial no Brasil, questão essa que apesar dos esforços coletivos de discussão acerca do racismo e do lugar das/os negra/os na sociedade brasileira ainda perdura, manifestada em violências física e/ou simbólica

Considerando a importância dessa temática e tendo a possibilidade do ambiente proporcionado pela escola, espaço de manifestação das mais diversas identidades, buscamos refletir nesse texto, a compreensão de como os jovens estudantes estabelecem sentidos entre o vivido na sua condição de jovens e o aprendido nas aulas de sociologia. Defendemos nesse texto que o conhecimento é construindo de forma dinâmica pelos sentidos atribuídos a experiência que se tem do saber, não tendo a pretensão de que este trabalho traga conclusões definitivas, mas que nos aponte um dos possíveis caminhos para a produção do conhecimento sociológico pelas/os Jovens estudantes.

Analisaremos a experiência obtida a partir da perspectiva interacionista simbólica como define Sandstron, Kent L. et al. (2016, p.16) “os indivíduos detêm um considerável poder na construção da realidade social. Ao interagir uns com os outros, podem não só criar significados como também construir e manter a ordem social.” A sala de aula é o contexto onde se acontece as interações e negociações entre jovens estudantes e monitores/as na exposição das temáticas, assim como os resultados dos trabalhos desenvolvidos pelas/os jovens estudantes ao final da monitoria.

³ Compreende-se por monitoria compartilhada o auxílio ao/a professor/a titular, atuando como orientador/a das propostas de ensino, em nossa experiência utilizamos do recurso de pequenos grupos de discussão, assim como no processo de elaboração dos trabalhos a serem apresentados no final da unidade.

Na primeira seção discutiremos a escola como o campo da experiência, em seguida o relato da experiência, os procedimentos e atividades desenvolvidas, e por fim, a análise da experiência a partir da perspectiva teórica já salientada.

A escola: campo da experiência

Caracterizar a escola a qual atuamos é importante ao passo que se constitui como a ambiência de nossa experiência docente, assim como o espaço das manifestações das diferenças existentes entre esses jovens que no nosso texto se constituem sujeitos sociais, já que negociam entre si valores, crenças e pertencas sociais. Especificamente trataremos das relações étnico-raciais pelo fato de que nosso trabalho na escola focalizou essa temática.

A Escola Estadual a qual desenvolvemos a monitoria compartilhada situa-se no município baiano de Vitória da Conquista, e localiza-se na zona oeste da cidade atendendo a vários bairros da cidade, constituindo-se uma escola que atende as juventudes, já que nesse texto adotamos a diversidade do público juvenil que segundo Dayrell:

[...] se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. (DAYRELL,2003, p.42).

Adentrando ao espaço físico do colégio identificamos ausência de uma estrutura que seja compatível com as necessidades de um público juvenil, a exemplo da má utilização do espaço no que diz respeito ao não aproveitamento de áreas internas e externas ociosas que poderiam ser utilizadas como espaços de sociabilidade.

As salas de aula não oferecem recursos interativos, como data show, notebook, aparelho de som o que dificulta consideravelmente a prática do professor em certa medida, mas também nos oportunizam a pensar estratégias criativas, que podem ser estratégias simples como mudar a disposição das carteiras da forma tradicional para circular, utilizar cartões e imagens na leitura de textos em conjunto, utilizar

autobiografia de si e pequeno grupos de debate, para não rotinizar a aula na centralidade da professora/o. Ao apontar essas características da escola e as potencialidades criativas de invenção da professora/o, a intenção é relatar a realidade por nós encontrada e as tentativas de superar por meio de mudanças ínfimas o relacionamento com as/os jovens que é fundamental no processo de aprendizagem, assim como na nossa experiência de aprendizes a professoras/es.

Vale ressaltar que a escola possui auditório e duas salas multimídias, porém a demanda em relação a oferta não é compatível, o que impossibilita que esses recursos sejam sempre utilizados. Por isso a observação em inovar de forma criativa a partir das possibilidades da sala e da própria relação com os estudantes, enfocamos que os sentidos estão diretamente relacionados ao contexto social dessas meninas e meninos, mas também da relação estabelecida entre sala de aula, professoras/ es e estudantes entre si.

A imagem concebida de escola é de uma micro sociedade, já que todas as relações da sociedade estão ali presentes. Na concepção adotada por nós, os jovens não são meros reprodutores, mas criam, negociam e produzem sentidos, que ora podem desviar a ordem social, ora mantê-la, ou seja, a escola é um espaço de negociações entre os atores os quais a compõem. Vamos observar especificamente esse contexto de negociação nas aulas de sociologia as quais estivemos como monitores e observadores, de certo modo negociando com as/os jovens estudantes os sentidos que tinham sobre a temática por nós apresentada e o processo de estabelecimento de novos sentidos.

Caracterizar a escola nesse primeiro momento é importante, pelo fato de que as relações são produzidas a partir de um contexto de interação, levando em consideração os atores e o ambiente, além de considerar que nossa presença na escola como agentes exteriores amplia esse contexto de interação, pois além do professor regente em sala, agora os jovens tinham monitoras/es os quais apresentavam outras formas de visualizar o fenômeno social estudando.

A diversidade que escola comporta e o papel dessa instituição de promover tal alteridade entre os sujeitos é gigantesca, nesse relato cabe-nos narrar apenas nossa breve experiência com as questões étnico-raciais a partir da seção seguinte

Desenvolvimento da monitoria compartilhada

A monitoria compartilhada desenvolvida por nós na escola teve como foco a temática “preconceito, discriminação e segregação e a manutenção das desigualdades sociais” que teve o objetivo de ampliar a compreensão nos(as) jovens estudantes de que o preconceito, a discriminação e a segregação são resultados das relações e práticas sociais estabelecidas historicamente a quais geram as desigualdades sociais que são decorrentes da classe, raça e gênero.⁴ Para melhor compreensão de como as atividades foram desenvolvidas vamos dividi-las por momentos.

1º momento:

Inicialmente conversamos com o professor regente definindo a temática com a qual instigariamos as/os jovens estudantes a relacionar o que seria aprendido nas aulas de sociologia com sua vivência, partindo do pressuposto que um dos objetivos do ensino de sociologia no ensino médio é o estranhamento e a desnaturalização da realidade social como aponta as Orientações curriculares nacionais para o ensino médio(OCEM):

Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a *desnaturalização*. Das concepções ou explicações dos fenômenos sociais. Há uma tendência sempre recorrente a se explicarem as relações sociais, as instituições, os modos de vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política, etc. com argumentos neutralizadores. Primeiro, perde-se de vista a historicidade desses fenômenos, isto é, que nem sempre foram assim; segundo, que certas mudanças ou continuidades históricas decorrem de decisões, e essas, de interesses, ou seja, de razões objetivas e humanas, não sendo fruto de tendências naturais.
(BRASIL,2006, p 105-06)

Em nossa atividade com os estudantes evidenciamos a temática das relações étnico-raciais, enfatizando sua historicidade afim de desconstruir os estigmas atribuídos a população negra que perduram em nossa sociedade seja através da

⁴ Apesar de ter dado enfoque nas relações étnico-raciais durante os trabalhos realizados com os estudantes a questão da classe social e do gênero aparecem como complementares para compreendermos de forma totalizante como se operam o problema racial no Brasil que afeta de forma mais direta os mais pobres e as mulheres que por sua vez são negras/os.

discriminação racial que subjuga a população negra a ocupar os espaços mais subalternizados da sociedade, configurando assim a manutenção de relações sociais desiguais.

Para isso conjuntamente com o professor utilizamos as obras “Casa grande senzala” Gilberto Freyre e “O negro no mundo dos brancos” Florestan Fernandes, das quais destacamos a historicidade de se pensar a formação de um projeto de nação brasileira a partir do entendimento em Freyre das três principais identidades culturais que formam o povo brasileiro: indígenas, portugueses e africanos, assim como sua tese de uma harmonia social entre essas três identidades culturais, a “democracia racial”, assim como a contribuição desses povos a cultura nacional.

Já na obra de Florestan Fernandes destacamos as dificuldades de integração do negro na nova ordem social capitalista, assim como sua constatação da democracia racial ser um mito e suas considerações sobre “o preconceito contra o preconceito de ter preconceito”, que seria a negação por parte da sociedade brasileira em afirmar a inexistência do racismo e da posição de subjugação do negro pelo branco ao que se refere as oportunidades sociais desiguais. De forma resumida tentamos descrever como foi mediada juntamente com o professor regente a temática e as escolhas para que no segundo momento pudéssemos apresentá-las aos jovens estudantes.

2º momento

Depois de definir o quadro teórico os quais abordaríamos com as/os estudantes em sala de aula, partimos para a execução das monitorias que ocorreram em todas as turmas do 2º e 3º anos do ensino médio vespertino

A metodologia da monitoria consistia em dividir a sala em pequenos grupos de discussão os quais nós monitores apresentamos as temáticas a partir de questões: O que nos constitui como brasileiros? Somos todos iguais? Quando olhamos uns para os outros percebemos tantos traços diferenciados, como justificamos isso? Ao longo dos nossos questionamentos e outros questionamentos que eram levantados pelos próprios estudantes íamos criando a tessitura de interpretações a partir dos textos escolhidos os quais eles tiveram acesso prévio. Nessa etapa da monitoria a proposta era que as/os jovens estudantes compreendessem a historicidade da formação do Brasil, levando em consideração os povos que constroem a nossa base cultural, a fim de compreender que somos resultado da mistura racial. Destacamos para os (as)

estudante que o processo de formação da identidade nacional não foi pacífico, ao contrário, houve uma negação e o ocultamento da história dos indígenas e africanos que foram escravizados e privados de sua dignidade humana, reduzidos a engrenagens da esturra colonial.

Durante várias aulas debatemos sobre como as desigualdades entre brancos e negros foram pontuadas na antiga ordem social, cabendo aos negros o lugar de subordinação enquanto aos brancos o de dirigir a nação, apesar da mudança da ordem senhorial para a capitalista, os negros continuaram subjugados, já que o processo de abolição não garantiu a eles incorporação na estrutura capitalista. Na ótica de Florestan Fernandes a harmonia entre negros e brancos jamais existiu, considerando assim que temos um mito da democracia racial, já que para ser uma democracia todos deveriam ter o mesmo direito de acesso aos bens sociais o que não aconteceu com os negros pós abolição

De uma forma sintética tentamos descrever o que apresentamos durante os grupos de discussão, uma primeira tentativa de aproximar os jovens da historicidade das relações sociais conforme as Orientações Curriculares para o ensino médio definem, um modo de pensar essas relações, como são construídas, desconstruídas e negociadas entre os indivíduos nas relações cotidianas:

A Sociologia, como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, “tribo”, país, etc. Traz também modos de pensar (Max Weber, 1983) ou a reconstrução e desconstrução de modos de pensar. É possível, observando as teorias sociológicas, compreender os elementos da argumentação – lógicos e empíricos – que justificam um modo de ser de uma sociedade, classe, grupo social e mesmo comunidade. (BRASIL,2006, p.105).

Durante essa etapa evidenciamos aos jovens estudantes essa possibilidade de compreender a desigualdade social no Brasil como um processo histórico-social que se realiza na exclusão de grupos em detrimento de outros. Entre negros e brancos as desigualdades se realizam na negação de oportunidades, sendo os negros em sua maioria condicionados aos lugares mais subalternos, enquanto os brancos gozam das melhores oportunidades e privilégios, assim como nossos indígenas que foram exterminados ou alçados a condição de exóticos.

A partir de exemplos do cotidiano das/dos jovens como por exemplo ser mal atendido em um estabelecimento comercial por serem negros, ou temerem ser parados em uma abordagem policial apenas por terem um corpo negro, as discussões sobre a necessidade de ser ter nas universidades públicas cotas raciais, foram questões que as/os jovens estudantes nos apontavam ao longo de nossa intervenção em sala, questões as quais vamos nos deter com mais afinco na próxima seção desse texto.

3º momento

Nessa última etapa os jovens estudantes produziram um trabalho escrito ⁵sobre o que foi discutido durante a aula e uma apresentação no auditório, que poderia ser feito no formato os quais eles desejassem, mas que trouxesse uma reflexão acerca da temática debatida.

Nas apresentações os estudantes utilizaram diversas formas de manifestar o aprendido, desde encenações, a recitação de textos produzidos por eles acerca do dilema de se perceberem alvo de discriminações de toda ordem, e principalmente a racial, vídeos, músicas sobre a temática, foi um momento de observamos como as aulas tinham contribuído para a compreensão da realidade de forma mais totalizante.

Foi observado durante as apresentações que embora muitos não conseguissem definir os conceitos trabalhados propriamente ditos, mas através de exemplos conseguiam explicar a realidade por eles vivenciada como um processo social e não mais como algo natural, isso ficou bem explícito na apresentação de uma estudante que usou o palco para recitar um texto de sua autoria o qual ela falava sobre ser uma mulher negra, sobre o preconceito que sofreu em assumir seu cabelo, e de não ter as formas que são consideradas as “ideais, “mas que era uma menina como as outras, sonhadora e que só queria se apaixonar. Ao relacionar sua história ao aprendido nas aulas de sociologia a jovem estudante criou um sentido ao compreender que a manutenção de alguns padrões sociais, sejam eles firmados na raça ou gênero não são naturais, mas fruto das mediações das relações com o outro, sua postura de falar sobre seu corpo e cabelo tanto a aproxima da discussão em sala

⁵ O trabalho escrito consistiu em um relato sobre o aprendido em sala de aula, assim como uma contextualização dos autores estudados e foi solicitado pelo professor regente como uma parte da avaliação da unidade.

quanto desvelam os preconceitos por ela sofridos e a superação dos mesmos ao ter o espaço para falar a partir de sua própria narrativa.

Os sentidos entre o vivido e o aprendido nas aulas de sociologia

Nós, cientistas sociais, sempre atribuímos, implícita ou explicitamente, um ponto de vista, uma perspectiva e motivos às pessoas cujas ações analisamos. Sempre, por exemplo, descrevemos os significados que as pessoas que estudamos dão aos eventos de que participam, de modo que a única pergunta não é se deveríamos fazer isso, mas com que precisão o fazemos. Podemos, e muitos cientistas sociais o fazem, colher dados sobre os significados que as pessoas dão às coisas. Descobrimos — não com perfeita exatidão, mas melhor que zero — o que as pessoas pensam estar fazendo, como interpretam os objetos, eventos e pessoas em suas vidas e experiência [...] Quanto mais perto chegarmos de apreender as condições em que elas realmente atribuem significados aos objetos e eventos, mais precisa será nossa descrição desses significados. (BECKER, 2007, p.31)

Compreender pois os sentidos do saber sociológico produzidos mediante as aulas de sociologia foi alvo de nossa investigação no período em que realizamos a monitoria compartilhada, nossa questão manifesta-se em evidenciar como os jovens estudantes a partir de sua condição juvenil mobilizaram e ressignificaram os conceitos de acordo com a experiência que cada um possui sobre as questões étnico-raciais e como essas relações repercutem em seu cotidiano escolar e extraescolar.

Para fazermos essa análise recorreremos ao quadro-teórico analítico interacionista simbólico compreendendo que os significados das ações são produzidos mediante um contexto estabelecido, mas que por mais rotineiro que algumas ações possam parecer elas sempre estão no processo de dinamização e produzindo novos sentidos de acordo com a situação de interação como apontam Sandstron, Kent L. et al:

Quando indivíduos ou grupos tomam parte em ações conjuntas, independentemente do quão são rotineiras elas possam ser, estão sujeitos a encontrar supressas, divergências, problemas ou conflitos que exijam que alterem as definições que os orientam, assim possuem uma natureza contingente, e estão potencialmente abertas a mudanças a qualquer momento, conforme pode ser ilustrado por uma aula expositiva que se desvia de seu tema porque um aluno levanta uma questão provocativa [...] (SANDSTRON, KENT L. et al, 2016, p 38).

Na medida que discutíamos a temática com as/os jovens estudantes , os relatos de experiências negativas sobre situações de racismo, os conflitos entre os estudantes que defendiam por exemplo as cotas raciais justificando a exclusão histórica, em detrimento daqueles que significam as cotas como uma ação que os definia inferiores ao outros e não como uma possibilidade de inserção por muitas vezes interpelava os temas dos grupos de discussão, o que nos possibilita demonstrar que naquele contexto de interação por mais que compreender o processo histórico que levou a necessidade das cotas para nós monitores era mais importante, no campo de negociação com as/os estudantes o que fazia mais sentido para as/os jovens distintos era discutir se era preciso ou não adotar tal dispositivo.

Reafirmamos assim que as discussões podem mobilizar sentidos que não estão previstos no script, por mais que a aula tenha sido pensada em uma certa linearidade, a discussão que para os estudantes tem mais sentido naquele momento era sobre cotas e o como isso modificava ou não sua inserção na universidade por exemplo, se era justo ou não ter acesso a esse dispositivo.

Tanto os debates em sala, quanto as apresentações foram ricas em nos possibilitar a compreensão que os sentidos do saber sociológico são mobilizados de acordo com os significados e sobre a capacidade desse saber atingir as vivências dos jovens estudantes, como sua estética e seus gostos musicais.

Ao levarmos a música “Boa esperança” do Rapper Emicida que retrata as condições as quais os africanos foram submetidos no processo de escravidão e a manutenção das desigualdades sociais sofridas pela população negra ainda hoje, fomos surpreendidos por diversos estudantes que nos questionavam nos corredores a fim de saber que outras músicas traríamos para os debates. Questão essa que nos fez pensar que as temáticas trazidas por nós a partir dos autores mediadas com músicas as quais os jovens já tinham acesso por se tratar de um rapper bem difundido nas redes sociais é uma maneira eficaz de ressignificar a experiência dos jovens com o saber sociológico, modificando a falácia que a sociologia é de difícil compreensão assim como possibilitar uma ponte de sentidos entre sua experiência vivida, já que os estudantes os quais mais se engajaram nos grupos de discussão e apresentações eram negras e negros.

Ao longo de nossas atividades as/os jovens estudantes utilizaram do espaço para se afirmar a partir da compreensão de que essas relações não são naturais podendo

ser negociadas e modificadas a partir da mudança de significados negativos em relação a sua cultura e raça, para positivação do valor cultural e social que seus ancestrais possibilitaram à construção do povo brasileiro, assim como em ações diárias de enfrentamento do racismo na escola e em outros espaços da Sociedade. Levamos em consideração nessa análise como aponta Blumer (1969), que “os significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos os quais entra em contato(p,2) referindo-nos aqui ao contato das/os jovens estudantes com o saber sociológico e sua contribuição para uma outra visão de si e do outro.

As diretrizes Nacionais para Educação básica (2013) apontam:

Um dos principais desafios da educação consiste no estabelecimento do significado do Ensino Médio, que, em sua representação social e realidade, ainda não respondeu aos objetivos que possam superar a visão dualista de que é mera passagem para a Educação Superior ou para a inserção na vida econômico-produtiva. Esta superação significa uma formação integral que cumpra as múltiplas finalidades da Educação Básica e, em especial, do Ensino Médio[...]Busca-se uma escola que não se limite ao interesse imediato, pragmático e utilitário, mas, sim, uma formação com base unitária, viabilizando a apropriação do conhecimento e desenvolvimento de métodos que permitam a organização do pensamento e das formas de compreensão das relações sociais e produtivas, que articule trabalho, ciência, tecnologia e cultura na perspectiva da emancipação humana. (BRASIL,2013, p.170)

Tomando o texto da Diretrizes Nacionais para educação básica, sem dúvida a sociologia é uma das disciplinas que possibilita construir essa nova relação entre saber e produção de sentidos, já que a disciplina traz em seu arcabouço teórico seja qual for abordagem teórica e metodológica, o princípio “para um processo de desvelamento da realidade social e de desnaturalização da mesma” (OLIVEIRA, 2013).

Considerações finais

Se os sentidos podem ser modificados e negociados a partir de nossas relações de interação uns com os outros, a realidade social não está determinada, o que significa que nós como atores sociais temos responsabilidade pelas práticas sociais aos quais privilegiam uns em detrimentos de outros.

Nesse breve relato de experiência a luz do interacionismo simbólico analisamos que o sentido do saber sociológico é produzido mediante as experiências que os(as) jovens estudantes já possuem (sua vivência) e são ressignificadas ao passo que tem outros conhecimentos sobre as questões apresentadas pela sociologia, podendo essas novas interpretações interferem em como as/ os jovens estudantes negras/os se portarão no enfrentamento ao racismo e as desigualdades sociais por eles experiências no cotidiano.

As atividades também nos concluem dizer que o espaço a fala foi de suma importância já que na maioria dos espaços mulheres e homens negros/as tem sua fala silenciada, sendo essa uma das marcas mais simbólicas do racismo brasileiro.

Referências

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**; tradução, Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007. [PDF].

BLUMER, Herbert. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: MORTENSEN, C. D. (Org.). *Teoria da comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico, 1980.

BRASIL. **Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192
Acesso em 30 de Junho de 2017.

_____. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.v. 3**Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf
. Acesso em 30 de Junho de 2017.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. Nº 24, set/out/nov/dez, 2003.

L.SANDSTROM, Kent; MARTIN, Daniel D; FINE, Gary Alan. **Símbolos, selves e realidade social**: Uma abordagem interacionista simbólica à psicologia social e à sociologia. Petrópolis, RJ: VOZES, 2016.

OLIVEIRA. A. **Ensino de Sociologia, Estado Nacional e reflexividade: dilemas da modernidade**. In(org.) Ensino de Sociologia. Rio de Janeiro: Edur. [p. 51-64]

ANEXOS

BOA ESPERANÇA

EMICIDA

**Por mais que você corra, irmão
Pra sua guerra vão nem se lixar
Esse é o xis da questão
Já viu eles chorar pela cor do orixá?
E o camburão o que são?
Negreiros a retraficar
Favela ainda é senzala, Jão!
Bomba relógio prestes a estourar**

O tempero do mar foi lágrima de preto
Papo reto como esqueletos de outro dialeto
Só desafeto, vida de inseto, imundo
Indenização? Fama de vagabundo
Nação sem teto, Angola, Keto, Congo, Soweto
A cor de Eto'o, maioria nos gueto
Monstro sequestro, capta-tês, rapta
Violência se adapta, um dia ela volta pu cêis

Tipo campos de concentração, prantos em vão
Quis vida digna, estigma, indignação
O trabalho liberta (ou não)
Com essa frase quase que os nazi, varre os judeu – extinção
Depressão no convés
Há quanto tempo nóiz se fode e tem que rir depois
Pique Jack-ass, mistério tipo lago Ness
Sério és, tema da faculdade em que não pode por os pés
Vocês sabem, eu sei
Que até Bin Laden é made in USA

Tempo doido onde a KKK, veste Obey (é quente memo)
Pode olhar num falei?
Aê, nessa equação, chata, polícia mata – Plow!
Médico salva? Não!
Por quê? Cor de ladrão
Desacato, invenção, maldosa intenção
Cabulosa inversão, jornal distorção
Meu sangue na mão do radical cristão
Transcendental questão, não choca opinião

Silêncio e cara no chão, conhece?

Perseguição se esquece? Tanta agressão enlouquece
Vence o Datena com luto e audiência
Cura, baixa escolaridade com auto de resistência
Pois na era Cyber, cêis vai ler
Os livros que roubou nosso passado igual alzheimer, e vai ver
Que eu faço igual burkina faso
Nóiz quer ser dono do circo
Çansamos da vida de palhaço
É tipo Moisés e os Hebreus, pés no breu
Onde o inimigo é quem decide quando ofendeu
(Cê é loco meu!)
No veneno igual água e sódio (vai, vai, vai)
Vai vendo sem custódio
Aguarde cenas no próximo episódio
Cês diz que nosso pau é grande